

AS GENEALOGIAS DE JESUS: UMA COMPLEMENTAÇÃO

Revista Bíblica 73/3-4 (2011) 117-129

Adylson Valdez

Santos, Brasil

Resumo: este artigo se trata de uma complementação ao artigo “As Genealogias de Jesus”, publicado na Revista Bíblica 71/3-4 (2009) 193-218. Esta complementação é feita visualmente por meio de quatro quadros, que esclarecem melhor as teses apresentadas no artigo anterior. Também contém explicações de algumas pequenas questões, como a das duas possíveis quebras encontradas em Mat. 1, 1-17 e a da observação de intervalos numéricos constantes e significativos entre os subgrupos de letras iniciais existentes em Luc. 3, 23-28, a qual pode revelar o método empregado por Lucas para montar sua genealogia.

Introdução

No artigo “As Genealogias de Jesus” (*Revista Bíblica* 71/3-4 [2009] 193-218) tivemos a oportunidade de apreciar as genealogias que se encontram em Mat. 1, 1-17 e Luc. 3, 23-38. Para rememorarmos o seu conteúdo, façamos agora uma recapitulação dos pontos principais daquele artigo.

Com relação à genealogia do evangelho de Mateus, ressaltemos o seguinte:

a) a composição possui três conjuntos de ancestrais, sendo que, na realidade, ao contrário do que afirma o evangelista, o primeiro conjunto contém quatorze nomes ou treze gerações, o segundo quinze nomes ou quatorze gerações e o terceiro quatorze nomes ou treze gerações, totalizando quarenta gerações ao invés de quarenta e duas, como Mateus deixa transparecer;

b) devido ao princípio do número 14, ocorre a omissão de três reis e o rei Joaquim é considerado pelo evangelista como sendo Jeconias, para que se tornasse pai de Salatiel;

c) e há a inclusão de nove nomes desconhecidos no terceiro conjunto, os quais parecem ter sido formados por abreviações e repetições modificadas de nomes de reis, sacerdotes e personagens bíblicos, alguns deles presentes na genealogia.

Com relação à genealogia do evangelho de Lucas, rememoremos os itens a seguir:

a) ela é formada por três grupos, de maneira que o primeiro grupo contém sete nomes e os demais trinta e cinco nomes, sendo que estes dois últimos podem ser subdivididos em cinco grupos de sete nomes cada um; assim, encontramos um total de setenta e sete nomes, havendo onze subgrupos de sete nomes, sucedidos no final por um nome excedente, ou seja, Deus;

b) uma parte dos nomes do segundo grupo segue o padrão dos nomes que compõem o primeiro grupo;

c) os primeiro e segundo grupos possuem nomes que se aproximam de alguns nomes do Antigo Testamento, havendo em parte nomes idênticos e em parte formas abreviadas e um pouco modificadas;

d) os nomes dos primeiro e segundo grupos foram organizados conforme subgrupos identificados pelas letras iniciais; eles estão distanciados ou próximos, de forma alternada, conforme duas metades de um total de quarenta nomes, separadas no centro por Zorobabel e Salatiel;

e) a ordenação dos dois primeiros grupos seguiu um sistema de nomes-chave que se repetem após uma sequência numérica de sete, vinte e oito, dezoito, dez, vinte e seis e cinquenta e dois, abrangendo alguns nomes semelhantes na forma;

f) e o terceiro grupo possui nomes repetidos, ou seja, Salá e Cainão, que propiciam o surgimento de setenas encabeçadas por Davi, Admin, Abraão, Salá e Enoc; as repetições destacam Davi no início, Abraão no centro e Deus no final.

Sobre estes pontos principais ainda é possível elaborar algumas complementações para que fiquem melhor esclarecidos.

Este artigo tem a finalidade de apresentar essas complementações de maneira visual e escrita, trazendo não somente esclarecimentos como também a discussão de pequenas questões.

Passemos então para as complementações.

1. Complementações à análise da genealogia de Mat. 1, 1-17¹

Para complementar os achados do artigo anterior sobre a genealogia de Mat. 1, 1-17, trazemos os quadros ns. 1 e 2, que se encontram ao final deste artigo. Eles exprimem visualmente a contagem das gerações e as correspondências entre os nomes.

Neles observamos que realmente a genealogia está formada sucessivamente por treze gerações, quatorze gerações e treze gerações, assim como que os últimos onze nomes se relacionam com outros nomes presentes na própria genealogia e na Bíblia por meio de repetições modificadas e abreviações, tendo por fundo pressupostos histórico-bíblicos, teológicos e tipológicos.

Mas, além disso, devemos observar mais um detalhe importante: a possibilidade de se encontrar duas quebras na genealogia de Mateus. Elas são as seguintes:

a) entre Josias-Jeconias e Jeconias-Salatiel, se considerarmos Josias-Jeconias como Josias-Joaquim (1 Crôn. 3, 15-16);

b) e entre Jacó-José e Maria-Jesus (Mat. 1, 16).

Deste modo, no primeiro caso a quebra implica considerar o primeiro Jeconias como Joaquim e o segundo Jeconias como sendo o filho de Joaquim, de maneira que o início do terceiro conjunto estaria supondo que o evangelista separou duas fases históricas: a de Davi até Joaquim e a de Jeconias (filho de Joaquim) até Jesus. Esta interpretação supõe que as expressões “no tempo da deportação para a Babilônia” (Mat. 1, 11) e “após a deportação da Babilônia” (Mat. 1, 12) estão a indicar esta possibilidade.²

Esta hipótese é interessante, mas não leva em conta que o padrão do evangelista é repetir um mesmo ancestral de geração em geração, de maneira que o Jeconias do início do terceiro conjunto só pode ser o Jeconias do final do segundo conjunto. Ademais, fica sem sentido ignorar-se a ausência da geração intermediária Joaquim-Jeconias, tendo em vista que o evangelista segue sempre uma linha sucessiva de ancestrais, sem interrupção.

Com relação às expressões, vale dizer que quem foi deportado para a Babilônia foi Jeconias, não Joaquim (2 Reis 24, 10-17). Desta forma, “no tempo da deportação para a Babilônia” Josias jamais poderia ter gerado Joaquim e seus irmãos (cf. 2 Reis 22-23). Assim, para o evangelista, o Jeconias do tempo da deportação é o mesmo do tempo após a deportação, pois a deportação ocorreu somente na época de Jeconias.

No segundo caso existe a proposta de se ignorar a geração José-Jesus, colocando-se Maria entre estes, já que José foi apenas o pai adotivo de Jesus. Este procedimento aumenta o número de ancestrais de Jesus para quatorze no terceiro conjunto.

Sem dúvida o evangelista, em Mat. 1, 16, deseja afirmar que Jesus é filho somente de Maria. Mas, mesmo que seja assim e que o número de ancestrais aumente para quatorze, a substituição de José por Maria em nada modifica o número total de gerações do terceiro conjunto, ou seja, serão sempre treze gerações, de qualquer forma.

Assim, a proposta desta segunda quebra não nos convence de que o terceiro conjunto possua quatorze gerações.

¹ No artigo anterior ocorreu um erro de citação na nota 3: em J. Nolland, “Genealogical Annotation in Matt. 24:34: a Literary Critical Perspective”, *JETS* 38.2 (1995) 369-385, leia-se J. Nolland, “Genealogical Annotation in Genesis as Background for the Matthean Genealogy of Jesus”, *Tyndale Bulletin* 47.1 (May, 1996) 115-122. Também, ao final da nota 20, após “... ciclos históricos perfeitos” faltou a seguinte citação: (v. Donald A. Hagner, *Matthew 1-13*, Word Biblical Commentary, 33A, Word Incorporated - Dallas - 1993, 8).

² Tese proposta por Donald A. Hagner, em *Matthew 1-13*, Word Biblical Commentary, 33A, Word Incorporated - Dallas - 1993, 6.

2. Complementações à análise da genealogia de Luc. 3, 23-38³

O que surpreende na genealogia de Lucas não é somente seu sistema de intervalos simbólico-numéricos com repetições de nomes, mas sim a enigmática organização dos subgrupos de nomes identificados por letras iniciais. Na presente complementação vamos analisar este fenômeno.

Os quadros ns. 3 e 3.1, que se encontram ao final deste artigo, procuram ilustrar o método da aplicação dos subgrupos. Estes parecem estabelecer um outro sistema paralelo ao sistema de intervalos simbólico-numéricos. No entanto, eles se harmonizam à medida que os nomes vão se identificando entre os seis primeiros grupos de sete da genealogia.

É interessante notar que, se colocarmos os dois corpos de subgrupos de letras iniciais um em frente do outro, como em um espelho, poderemos notar dois cruzamentos causados por inversões, como nos mostra o quadro n. 4. Parece que este fenômeno parte de uma estratégia do evangelista para organizar a genealogia de maneira que fossem possíveis as identificações simbólico-numéricas.

Outro fenômeno é o surgimento de dois intervalos de três nomes, que têm a finalidade de separar os subgrupos J-J-E-M-L e M-A-N, bem como N-M-A e J-E-J-M-L. Aparece outro intervalo de três nomes na área central, onde se encontram Resá-Zorobabel-Salatiel. Este intervalo teria a função de separar os dois corpos de subgrupos.

Inicialmente, parece que Lucas preocupou-se em destacar os nomes Jesus e José, por meio de suas repetições conjuntas como cabeças de grupos nas duas metades dos quarenta nomes. Entre eles aparecem Matatias e Salatiel, de maneira que encontramos a sequência Jesus-José, Matatias-Salatiel e Jesus-José.

Posteriormente, ele colocou na lista o primeiro grupo de sete nomes, encabeçado por Jesus, os quais serviriam de modelos para a formação de outros nomes. Lucas estabeleceu neste grupo o primeiro subgrupo de letras iniciais, isto é, J-J-E-M-L.

Após este grupo modelar de sete, o evangelista iniciou o segundo grupo de sete com o segundo nome mais importante, ou seja, José, o qual está presente no grupo modelar, também em segundo lugar, após Jesus.

Assim como ocorre no primeiro grupo, Lucas coloca após José o nome que será repetido após seis nomes, ou seja, Matatias. Neste momento, os seis nomes intermediários já estavam formando os subgrupos de letras iniciais M-A-N e E-N-M-M.

Em seguida, após o cabeça do terceiro grupo, ou seja, Matatias, o evangelista estabeleceu o subgrupo S-J-J-J. Possivelmente aqui já começa a haver uma necessidade de organizar os subgrupos conforme o sistema de intervalos simbólico-numéricos, pois aparecem na lista Josec, que remete a José, e Jodá, que remete a Judá, presentes na outra metade dos quarenta nomes.

O acrescentamento do nome Resá parece ter sido necessário para formar a quantidade de vinte nomes na primeira metade dos quarenta nomes. Lucas logo encaixou no centro os nomes Zorobabel e Salatiel, os quais eram importantes para o fundo teológico de sua genealogia.

Na segunda metade começam as repetições dos subgrupos de letras iniciais. Sempre tendo como referência os subgrupos da primeira parte, podemos observar duas inversões nos subgrupos J-E-J-M-L e S-J-J-J e dois deslocamentos nos subgrupos N-M-A e E-M-M-M-N. Percebemos também o acrescentamento do nome Mená para totalizar vinte nomes na segunda parte.

É possível que a regra de obedecer à lista inicial de sete nomes modelares e à organização em intervalos simbólico-numéricos tenha influenciado no posicionamento inverso dos subgrupos da segunda parte dos quarenta nomes.

Para confirmar esta suposição, é importante contarmos os nomes entre os subgrupos semelhantes. De fato, este procedimento revela intervalos numéricos interessantes:

a) primeiro e sexto subgrupos: de Jesus a Jesus = 28 nomes (sem contar o primeiro nome); de José a Jorim = 28 nomes intermediários; de Eli a Eliezer = 28 nomes (sem contar o primeiro

³ No item 2.2 do artigo anterior, na parte em que se faz a contagem dos nomes dos intervalos numéricos, letra a, em “de José a Matatias = 7, o próximo é Matatias”, leia-se “de José a Maat = 7, o próximo é Matatias”.

nome); de Matat a Matat = 28 nomes (sem contar o primeiro nome); de Levi a Levi = 28 nomes (sem contar o primeiro nome);

b) segundo e quinto subgrupos: de Matatias a Melqui = 14 nomes intermediários (é possível que Melqui tenha sido preferido por causa da contagem de 18 nomes entre o Melqui do primeiro intervalo de três nomes e o Melqui do quinto subgrupo); de Amós a Adi = 14 nomes intermediários; de Naum a Neri = 12 nomes (sem contar o primeiro nome);

c) terceiro e oitavo subgrupos: de Esli a Eliaquim = 26 nomes (sem contar o primeiro nome); de Nagai a Neri = 28 nomes intermediários; de Maat a Meleá = 24 nomes intermediários; de Matatias a Matatá = 26 nomes (contando-se o primeiro nome);

d) quarto e sétimo subgrupos: de Semeín a Simeão = 18 nomes (sem contar o primeiro nome); de Josec a José = 18 nomes intermediários; de Jodá a Judá = 18 nomes (contando-se o primeiro nome); de Joanan a João = 18 nomes (sem contar o primeiro nome).

Estes intervalos numéricos constantes e significativos denotam que a localização dos subgrupos de letras iniciais também está submetida ao sistema simbólico-numérico do evangelista, muito embora não de forma perfeita (v. letras b e c acima). Isto pode confirmar a possibilidade de que ocorre uma harmonização entre o sistema dos subgrupos e o sistema de intervalos simbólico-numéricos, de maneira a permitir uma configuração genealógica que se enquadre na armação sustentada por Jesus-José, Matatias-Salatiel e Jesus-José.

Por fim, vendo-se de maneira global a genealogia de Lucas, devemos concordar com a contagem de onze grupos de sete nomes sucessivos. Mas, se contarmos os nomes-cabeça mais Deus, acharemos o número doze (v. quadro n. 3.2). Talvez Lucas tivesse em mente este número bíblico importante para concluir simbolicamente a sua genealogia.

Nota: os quadros ns. 3, 3.1 e 3.2 devem ser compreendidos da seguinte maneira: os nomes que encabeçam as setenas aparecem em letras maiúsculas e sublinhados; os nomes mais repetidos aparecem somente em letras maiúsculas. Os números da lateral esquerda indicam as correspondências entre os nomes, da seguinte forma: o primeiro número se refere às formas nominiais que são repetidas ou que inspiraram a criação de outros nomes; o segundo número relaciona-se às vezes em que surgem aquelas formas nominiais ou às vezes em que aparecem suas repetições, recriações (por meio de formas abreviadas ou modificadas) e substituições.

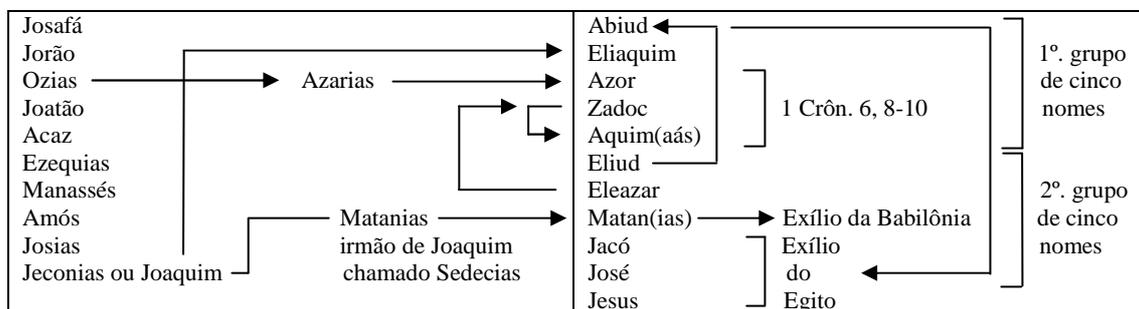
QUADRO N. 1

CONTAGEM DAS GERAÇÕES

1. Abraão - Isaac	1. Davi (da mulher de Urias) - Salomão	1. Jeconias - Salatiel
2. Isaac - Jacó	2. Salomão - Roboão	2. Salatiel - Zorobabel
3. Jacó - Judá (e seus irmãos)	3. Roboão - Abias	3. Zorobabel - Abiud
4. Judá (de Tamar) - Farés (e Zerá)	4. Abias - Asaf	4. Abiud - Eliaquim
5. Farés - Esrom	5. Asaf - Josafá	5. Eliaquim - Azor
6. Esrom - Aram	6. Josafá - Jorão	6. Azor - Zadoc
7. Aram - Aminadab	7. Jorão - Ozias	7. Zadoc - Aquim
8. Aminadab - Naasson	8. Ozias - Joatão	8. Aquim - Eliud
9. Naasson - Salmon	9. Joatão - Acaz	9. Eliud - Eleazar
10. Salmon (de Raabe) - Boez	10. Acaz - Ezequias	10. Eleazar - Matan
11. Boez (de Rute) - Jobed	11. Ezequias - Manassés	11. Matan - Jacó
12. Jobed - Jessé	12. Manassés - Amós	12. Jacó - José
13. Jessé - Davi	13. Amós - Josias	13. José (ou Maria) - Jesus
	14. Josias - Jeconias (ou Joaquim) (e seus irmãos)	

QUADRO N. 2

CORRESPONDÊNCIAS ENTRE OS NOMES



QUADRO N. 3

1.1	J	<u>JESUS</u> (1)	} 1ª parte 20 nomes
2.1	J	JOSÉ	
3.1	E	Eli	
4.1	M	MATAT	
5.1	L	LEVI	
6.1		MELQUI	
7.1	1º intervalo	Janai	
	3 nomes		
2.2		<u>JOSÉ</u> (2)	
4.2	M	MATATIAS	
	A	Amós	
	N	Naum	
3.2	E	Esli (E-li)	
8.1	N	Nagai – “luz”	
4.3	M	Maat	
4.4	M	<u>MATATIAS</u> (3)	
9.1	S	Semeín	
2.3	J	Josec – JOSÉ	
10.1	J	Jodá – JUDÁ	
7.2	J	Joanan (Janai)	
	Intervalo Central	Resá (Reson) – nome acrescentado	
	3 nomes	<i>Zorobabel</i> } Nomes encaixados	
		<u>SALATIEL</u> (4) }	

QUADRO N. 3.1

8.2	N	Neri (Nerias) – “minha luz” – Naum	} 2ª parte 20 nomes
6.2	Deslocamento	M MELQUI (Melquisedec) – Matatias	
11.1	A	Adi (Adiel) – Amós	
	2º intervalo	Cosão	
3.3	3 nomes	Elmadão (Elmodad, El-i)	
		Er	
1.2	J	<u>JESUS</u> (5)	
3.4	1ª inversão	E Eliezer – Eli	
2.4	J	Jorim (Jorão) – JOSÉ	
4.5	M	MATAT	
5.2	L	LEVI	
9.2	S	Simeão – Semeín	
10.2	2ª inversão	J JUDÁ	
2.5	J	<u>JOSÉ</u> (6)	
7.3	J	Jonão (Janai) – Joanan	
3.5	E	Eliaquim (Eli) – Esli	
6.3 (4.3)	Deslocamento	M Meleá (Mel-qui) – Maat	
		M Mená – nome acrescentado	
4.6	M	Matatá – MATATIAS	
(8.1)	→	N Natan – Nagai	

QUADRO N. 3.2

	<u>DAVI</u> (7)
	Jessé
	Jobed
	Booz
12.1	Sala
	Naasson
	Aminadab
11.2	<u>ADMIN</u> (Admá) (8)
	Arni (Arnan)
	Esrom
	Farés
10.3	<u>JUDÁ</u>
	Jacó
	Isaac
	<u>ABRAÃO</u> (9)
	Tare
	Nacor
	Seruc
	Ragau
	Falec
	Éber
12.2	<u>SALÁ</u> (10)
	Cainão
	Arfaxad
	Sem
	Noé
	Lamec
	Matusalém
	<u>ENOC</u> (11)
	Jaret
	Maleleel
13.2	Cainão
	Enós
	Set
11.3	Adão
	<u>DEUS</u> (12)

QUADRO N. 4

